

Constelações, na Astronomia, são agrupamentos de estrelas aparentemente próximas umas das outras. Elas podem estar a anos luz de distância, mas, de certo ponto de vista, se organizam num enquadre, compondo, para aquele que as observa, um conjunto, um todo.

Também é assim na constituição da imagem do corpo. A vivência primeira do bebê humano é de desamparo e despedaçamento. Ele precisa de cuidados essenciais para sua sobrevivência e sua existência. Sozinho não pode ter a experiência de existir. A percepção de unidade corporal lhe falta. Para que o eu se constitua é preciso que exista alguém que o olhe e veja aí o futuro sujeito que virá. Esse olhar, num primeiro momento, fará dos pedaços um corpo, uma unidade, “*uma constelação*”. Esse enquadre num olhar será nomeado; em seguida, por uma voz. E esse nome será carregado de memórias e afetos, dores e alegrias, desejo e gozo daquele que nomeia.

Qual a origem do meu nome? Por que este nome foi escolhido para mim? Indago os poetas a esse respeito em busca de um bem dizer. Encontro em Mia Couto a história de uma pequena tribo, no litoral de Moçambique, onde “o nome do recém-nascido vem de um sussurro que se escuta antes de nascer”. Na barriga da mãe, afirma o narrador, “não se tece apenas um outro corpo”. Fabrica-se a alma a partir das vozes dos antepassados. O pai recebe a incumbência de ouvir e traduzir o que dizem essas vozes sabendo que “atribuir um nome é um ato de poder, a primeira e mais definitiva ocupação do território alheio”.

Nesta exposição, as constelações se formam com uma reunião de nomes e caligrafias numa instalação proposta pelo artista. Esses que escreveram o próprio nome, numa oficina de papel, podem se perguntar sobre a razão dessa nomeação, imaginar e supor algo sobre o desejo desse outro que lhe ofertou um lugar no mundo, uma moldura proposta nesse olhar. Os nomes escolhidos para deixar na exposição, ao lado do seu, também podem trazer lembranças, rememoradas para justificar esta escolha. Tudo isso interessa nesse mundo onde tantas vezes faltam palavras, oportunidades de reflexão e elaboração simbólica.

Qual a importância de uma oficina de papel que visa a contribuir para a exposição de um artista? Em que a passagem ao público, deste trabalho, interessa às crianças e adolescentes que nele estiveram envolvidos? O que será para cada um a escrita do nome e a presença desta caligrafia numa exposição?

Acreditem, uma oficina de papel pode, sim, mudar o papel de alguém na vida. E precisamos pensar sobre os possíveis efeitos da experiência com a arte na sua passagem ao público.

A Psicanálise nos ensina que dependemos do olhar e da voz de um Outro na constituição da imagem, do corpo, do eu, e no nascimento de uma subjetividade. A criança é capturada pela imagem constituída no olhar da mãe, função desse primeiro

outro que acolhe o bebê e faz da imagem a matriz do que será a sua possibilidade de ser. Este filho pode ser para sua mãe um objeto maravilhoso; um objeto supérfluo ou algo que ela não deseja. Um objeto onde ela condensa amores e mágoas dirigidas a seu marido ou sua mãe; um objeto que sobrevém de um bom ou um mau momento. Tudo depende do enquadre do seu olhar. É a imagem proposta pelo olhar materno que recobre o pedaço de carne, antecipando o sujeito a advir a partir dessa identificação imaginária primordial. A imagem – inconsciente – com que a mãe recobre seu filho é decisiva para o seu futuro. É uma marca que ele porta, o enquadre que determina sua posição no mundo pela vida afora.

Ser objeto para o desejo materno implica em possibilidade de vida e mortificação. Ser tudo para a mãe representaria para o futuro sujeito um aprisionamento excessivo ao visgo do seu olhar. Por isso é necessário um corte. E quem cumpre esta função é o pai, este que ocupa um lugar terceiro que rompe a relação dual da mãe com o seu bebê. A tradução, pelo pai, do desejo da mãe introduz na vida do filho um funcionamento pela via do significante. Esta é a operação metafórica que possibilita a articulação da subjetividade. A significação do que seria o desejo da mãe, indicada pelo pai, a partir do erotismo do casal, nomeia o lugar suposto de objeto ocupado pela criança. Essa nomeação, junto com o nome que o distingue, desloca o filho do lugar de alienação ao gozo materno, e do aprisionamento ao signo de seu olhar, para o lugar de significante do seu desejo. A presença deste significante permite um jogo muito diferente daquele que se faz com as imagens, o jogo simbólico. O sujeito surge como um dos efeitos deste acesso ao simbólico. Temos aqui a identificação simbólica.

Muitas das nossas crianças, na contemporaneidade, apresentam enquadres muito precários pela falta ou pelo excesso de visgo do olhar materno. As identificações imaginárias prevalecem onde a identificação simbólica se constitui precariamente nos indivíduos. A imagem, por não ser de fato internalizada, exige sua confirmação nos atos que asseguram sua existência e confirmam, incessantemente, sua posição. Podemos verificar isto nos atos violentos e no que se refere às tatuagens, onde se evidencia a necessidade de renovação da marca, aquela que convoca o olhar do outro, para a confirmação do signo de inserção no campo do desejo do outro.

Em todos os tempos, as transgressões são, para os adolescentes, a possibilidade de aventura e risco que garante ares de liberdade, a possibilidade de contar histórias e vantagem, dando provas do abandono de uma postura infantil. A oposição às determinações familiares na busca de uma imagem exterior de identificação leva o adolescente a personagens que convocam o olhar de reprovação na família, mas o incluem num novo grupo, para um novo enquadre.

Participar da instalação *Constelações* poderia ser para alguns a possibilidade de enquadre numa cena de brilho? O adolescente, propício a rearranjos na constituição da subjetividade, pode encontrar nessa experiência uma oportunidade para talvez estabelecer fissuras na fixação ao olhar materno ou na versão paterna inscrevendo um

novo enquadre para dizer de si. Alguns artistas relatam a importância de fazer um nome de artista, ter reconhecimento no público. Creio que algo dessa ordem pode se dar na montagem desta exposição. Ser uma estrela, uma luz, uma voz, entre outros, no enquadre das *Constelações*, será certamente um acontecimento. Reconhecer ali memórias e afetos, dores e alegrias ligados ao próprio nome não será sem conseqüências.

Imprescindível destacar que a experiência dessas crianças e adolescentes difere da experiência do artista. Ao criar, o artista é capaz de se deixar levar pelas entonações de voz sem nenhum sentido, grunhidos e afetos enigmáticos impressos no corpo, sem tradução possível em palavras. O artista é capaz de se defrontar com esse ilegível, destacar letras embaralhadas para compor um quadro, um texto, uma sinfonia, uma instalação. Foi supostamente assim, que o artista Hilal Sami Hilal pode propor suas *Constelações*.

Ruth Ferreira Bastos

Psicanalista

Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória
Coordenadora do Espaço de Conexões: Psicanálise e Arte